

Alberto Pucheu e Caio Meira: dois poetas vigorosos do nosso tempo

Prosa & Verso, OGLOBO, 31/07/2004

Quase que na surdina, com livros pequenos e com tiragens pequenas, mas cada vez mais bem-cuidados e elegantes, a Azougue Editorial tem, nos anos recentes, publicado alguns dos melhores e mais instigantes livros de poesia que têm surgido por aí. É o caso, por exemplo, de *Morrer*, de Guilherme Zarvos, publicado no ano passado sem que tenha recebido a merecida atenção da nossa crítica. Fica aqui o registro. É o caso também de pelo menos duas das edições mais recentes da editora, *Coisas que o primeiro cachorro na rua pode dizer*, de Caio Meira, e *Escritos da Indiscernibilidade*, de Alberto Pucheu. Amigos de longa data, mas cientes da morte das vanguardas e da futilidade das bandeiras erguidas em torno de grupos, esses poetas se aproximam da fecunda faixa dos 40 (quando a obra de um poeta costuma começar a revelar seus mistérios e contornos mais profundos ao bom leitor) com obras que se distinguem pela individualidade e pelo vigor. Em comum entre ambos, principalmente o fato de serem poetas que estão logrando digerir as diferentes vertentes da poesia brasileira atual e oferecendo possibilidades genuinamente novas para ela; enquanto expressam sem concessões e com notável consciência e maestria de linguagem a complexidade do ser contemporâneo. Isso não é pouco.

Com *Escritos da Indiscernibilidade*, Alberto Pucheu, que também é filósofo, procura “descobrir relações de mestiçagens” entre filosofia e poesia, e declara desinteresse por “toda poesia que, implícita ou explicitamente, não oferece uma densa malha do pensamento.” Composto por fragmentos que se

sucedem e constroem com rigor a aproximação possível ao seu tema, encontramos no livro afirmações que vão direto ao âmago: “Gostaria de lançar para a poesia, para a arte, o conceito de ínfima mediação, ou, como prefiro, abreviado, o conceito de: i.mediação”. Ou essa, iluminadora: “Atingir a autenticidade do pensamento, sobretudo nos dias atuais, mas também em qualquer época, está diretamente ligado a se deixar acolher por uma zona de esvaziamento, por uma zona de esquecimento, para poder ser surpreendido pelo impensado que habita silenciosamente o mundo e quer nos ocupar”. Mas isso é poesia? Sim, é poesia, e das boas. Não apenas porque poderíamos dizer que poesia é tudo aquilo que chamarmos de poesia – e, afinal, a arte conceitual vem promovendo apropriações parecidas e riquíssimas no campo das artes visuais há décadas –; mas porque os textos estão impregnados de vida – ou de ‘admiração’, como coloca o poeta – mais pulsante e genuína. É só ler para sentir. As seções “Escritos da admiração” e “Escritos da ínfima estranheza”, que abrem o livro, tratam dessas mestiçagens, da linguagem, e do silêncio – que num admirável *tour de force* o poeta-filósofo mantém dentro do âmbito da palavra – de uma maneira excitante e tensa. Nas duas seções seguintes, “Escritos da sintaxe do trânsito” e “Escritos da vida”, que remetem às experiências poéticas de seu livro anterior (*A vida é assim*; Azougue, 2001) o poeta reflete sobre a linguagem esticada até o limite da fronteira entre ser e não-ser, e chega ao paradoxo que já havia apontado: “a linguagem, por fundamento e definição, é poética, mesmo nos momentos em que não a imaginávamos sendo”. Pucheu, amigo do mito e do saber, expande os limites do poético. *Escritos da Indiscernibilidade* deve ser estudado, principalmente por aqueles ávidos em produzir pensamento e poesia.

O terceiro livro de Caio Meira, *Coisas que o primeiro cachorro na rua pode dizer*, encontra uma saída para as questões de ser e do esvaziamento

necessário para um pensamento autêntico, propostas e resolvidas por Pucheu exclusivamente dentro da esfera da linguagem, através de um mergulho profundo em seu próprio ser físico, a começar pelo sensorial, pelo corpo. Nos extraordinários poemas que abrem a primeira seção do livro, “Epidermática”, o eu poético recua para dentro de si mesmo (“acordo e durmo debaixo da pele”), até o universo das “secreções sebáceas, tubos, alvéolos”, para, a partir daí, elaborar – com extraordinário domínio de linguagem – uma identidade que é ao mesmo tempo absolutamente centrada em si, nas suas histórias e dúvidas sobre as decisões tomadas na vida, e aberta e permeável ao caos e à grandeza do mundo. Em “close to the bone”: “por vezes sinto esse torvelinho dentro da barriga, e não sei se é fome ou lembrança de fome, ou se são movimentos espontâneos da voracidade do vazio”; em “sob o sol cerrado”: “o mesmo sol desperdiçado no topo de uma montanha solitária (avistada através de um cartão-postal)”... “pegar um punhado dessa mistura de mato seco, poeira e formigas, cheira-lo ou talvez come-lo, não significa ficar mais próximo da terra ou da gente”; em “entre-fôlegos de um basqueteiro solitário”: ...“talvez fosse milionário e igualmente descontente, talvez estivesse feliz criando cogumelos em Nova Lima”... “talvez eu deva jogar na mega-sena acumulada”, ... “poderá caminhar à tarde, pegar o metrô em Botafogo e ir ao centro da cidade procurar um livro no sebo?”. O que qualquer cachorro na rua pode dizer é o sentido da vida. Algo que está sempre nascendo. Apesar de declarar sua completa ignorância sobre a existência (“sei que tenho 32 dentes, leio livros e jornais, vou ao mercado e ao cinema, escuto música clássica e popular, e posso dizer de cor os números dos meus documentos, além de uns poucos poemas aprendidos há muito tempo”), o poeta aceita-a em seu evidente mistério, e após o reconhecimento honestíssimo e crítico de si, do seu trabalho (“De como e quando se descobre uma falcatrua” é um dos principais poemas

do livro), do mundo e do seu lugar no mundo (“e num desses dias, ele acorda querendo colocar um som mais potente no carro”), parte para o reconhecimento, às vezes ácido, às vezes compassivo, do Outro, seu espelho, nas seções “Outras vidas, a mesma” e “Venéreas”. Como aponta Leonardo Fróes em seu prefácio ao livro, *Coisas que o primeiro cachorro na rua pode dizer* atesta a visão de alguém que parece “ter sentido muito e a fundo as confusões ao redor”; e que, com rara maestria e sensibilidade, soube digeri-las e traduzi-las para o leitor.